

**Expresso**

Actual

31-07-2010

**Periodicidade:** Semanal

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 167000

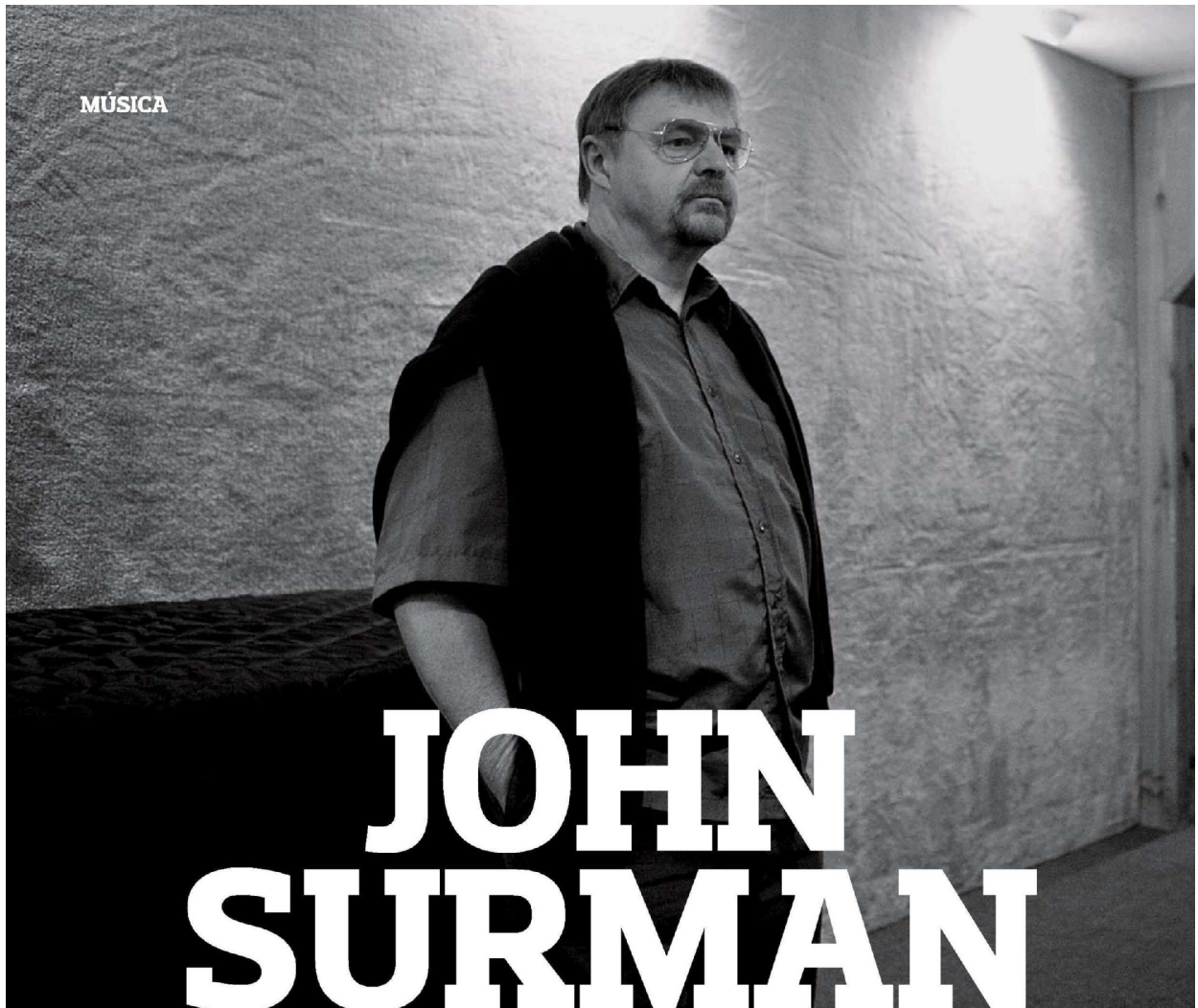
**Temática:** Cultura

**Dimensão:** 1264

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 26 a 26

MÚSICA



"NUNCA FUI UMA FIGURA ISOLADA.  
SEMPRE SENTI QUE FAZIA  
PARTE DE ALGO"

O duo Surman/DeJohnette nasceu há 30 anos, em Itália, mas até hoje gravou apenas dois discos. A sua música é para ser improvisada em palco, por isso cada concerto é uma ocasião única. Sexta-feira abrem o Jazz em Agosto

Entrevista Rui Tentúgal



**John Surman** tem 65 anos, nasceu em Tavistock, Inglaterra, e afirmou-se no início dos anos 70 como um dos mais importantes instrumentistas do jazz europeu, com um trabalho original na exploração do sax barítono e de instrumentos eletrónicos. Jack DeJohnette tem 67 anos e nasceu em Chicago. Grava em nome próprio desde 1968, mas a sua bateria também tem feito história em discos de Miles Davis, Joe Henderson, Freddie Hubbard, Sonny Rollins, Michael Brecker e, principalmente, Keith Jarrett. O duo Surman/DeJohnette existe desde 1979/80, embora apenas tenha sido registado duas vezes: "The Amazing Adventures of Simon Simon" (1981) e "Invisible Nature" (2002). Uniu-os a ECM, o gosto pela eletrónica e os laços familiares (o filho de Surman é casado com uma filha de DeJohnette). Ao telefone de Oslo (onde vive há décadas com a cantora norueguesa Karin Krog), Surman concedeu-nos uma entrevis-

ta de antecipação ao concerto que irá dar com DeJohnette no próximo dia 6, na abertura do Jazz em Agosto 2010.

**Miles Davis escreveu na sua autobiografia: "Jack DeJohnette dava-me um 'groove' profundo sobre o qual eu adorava tocar." A si, durante todos estes anos de trabalho em duo, ele deu muito mais que um "groove" profundo? Jack é um músico completo. Não apenas tem essa qualidade de que Miles fala mas é também um bom teclista. No início da sua carreira profissional tocou muito mais piano, mas depois decidiu concentrar-se na bateria. Outra coisa que me agrada é a sua natureza exploratória. Gosta de trabalhar com eletrónicas. E tem uma enorme curiosidade por outras formas de música. É fascinante trabalhar com ele, porque está sempre à procura de coisas novas e está sempre disponível para arriscar.**

**Esta vossa aventura conjunta iniciou-se em 1968 em Londres... Ele estava em Londres com o Bill Evans Trio e, como sempre gostou de tocar com outras pessoas, fez saber que estava disponível para umas jam sessions à tarde. O Dave Holland e o John Marshall perguntaram-me se queria aparecer, fui, tocámos e ficámos amigos.**

**Mais tarde reencontraram-se nos EUA, em Woodstock... Nos anos 70, na Europa, não havia muito trabalho e por isso decidi arriscar na América. Tocámos várias vezes juntos, até que voltou a aparecer trabalho na Europa, voltei e cá fiquei até hoje. Mas, sim, esse nosso segundo encontro aprofundou ainda mais a nossa amizade.**

**Foi a morte de Stu Martin (com quem tocou no The Trio e várias vezes em duo), em 1980, que o levou a procurar um outro baterista? Não. O Stu conhecia o Jack, eram vizinhos em Woodstock. Eram duas personalidades, dois músicos muito diferentes. Acho que iria sempre tocar com o Jack mesmo que o Stu não tivesse falecido. Não se tratou de procurar outro baterista. Não se 'procura' o Jack. Ele está aí e se tiveres sorte tocas com ele.**

**Jack DeJohnette já tocou com Miles, Coltrane, Monk, Rollins, Bill Evans... Ensinou-lhe alguma coisa da tradição americana do jazz? Ensinou-me a ter confiança para acreditar nos meus instintos quando estou a tocar jazz. Os europeus da minha geração, mesmo os melhores, acreditavam que se um americano tocava jazz estava naturalmente qualificado para o fazer. Ao tocar com ele percebi que também eu podia tocar jazz, podia compreender os tempos e os ritmos. Se consigo tocar com ele, consigo tocar com qualquer outro músico. Quando ele toca de forma complexa tenho de estar totalmente concentrado e isso fez-me compreender que consigo estar à altura. Sei que ele concorda comigo se eu disser que temos aprendido muito um com o outro. Se a outra pessoa confia em ti, tocas melhor. É a mesma coisa numa equipa de futebol: se a defesa confia no guarda-redes, todos jogam melhor.**

**Historicamente, foi um dos primeiros músicos de jazz ingleses a obter prestígio mundial. Quando era novo, nos anos 60, fiquei famoso por discos como "Extrapolation", com John McLaughlin, e**

SURMAN E DEJOINETTE VÃO DAR EM LISBOA O ÚNICO CONCERTO EM DUO DESTA ANO



ROGER ELLIOTT/ECM

por gravações minhas. O trabalho com Jack não teve grande influência num sentido comercial. Quando gravei o "Simon Simon" já estava 'estabelecido' há mais de 20 anos.

**Mas sente que abriu caminho a outros músicos de jazz ingleses?** Do meu ponto de vista, enquanto inglês, sempre houve grandes músicos em Inglaterra. Fantásticos tenores como Tubby Hayes, o alto Joe Harriott, Shake Keane (embora ambos fossem das Antilhas), mas também o barítono Ronnie Ross, Stan Tracey, Bobby Wellins, Tony Coe, Dave Holland, John McLaughlin, Mike Westbrook, Chris McGregor. Havia muitos e excelentes músicos de jazz em Inglaterra. Não surgi do nada. Calhei escolher um instrumento, o sax barítono, que não estava muito explorado. Essa foi uma das razões. A outra foi ter algum talento. Nunca fui uma figura isolada. Sempre senti que fazia parte de algo.

**Com que frequência toca em duo com o Jack?** Já fizemos tournées de três semanas com concertos todas as noites e já estivemos um ano sem nos vermos. Como a nossa relação é antiga, quando nos encontramos as peças encaixam. Vi o Jack em novembro, quando fiz uma digressão com o seu grupo, e tocámos em duo no Ronnie Scott's há cerca de um ano. Por isso ainda está fresco para irmos a Lisboa tocar. Estamos ansiosos por esta reunião, porque certamente algo de diferente vai acontecer. **Têm outros concertos agendados para este ano?** Não. Só o de Lisboa.

**A vossa história discográfica resume-se ao álbum de 1981 e a um segundo 19 anos depois.** A primeira vez que gravámos juntos foi em 1978 [novembro], no álbum "In Pas(s)ing", de Mick Goodrick [ECM]. Pouco depois [maio, 1979] gravei o meu primeiro disco a solo, "Upon Reflection", e quando o terminei o Manfred [Eicher] perguntou-me o que é que eu queria fazer a seguir. E eu disse que gostava de gravar algo com eletrónicas e com o Jack. Entretanto, encontrei-me com ele por acaso em Itália. Ele estava a dar uma aula de bateria e eu a dar uma aula de saxofone e aproveitámos para tocar juntos. Foi a nossa primeira aparição pública como duo. A seguir [janeiro, 1981] gravámos "The Amazing Adventures of Simon Simon" e fizemos uma digressão no Reino Unido e vários concertos na Europa. Fomos tocando de vez em quando e estreámos uma peça com o Balanescu Quartet no Festival de Jazz de Camden de 1990. Os anos passaram até que o Jack propôs que gravássemos ao vivo. Fizemos uma tournée europeia e ficámos muito satisfeitos com dois concertos [novembro de 2000], um em Berlim e outro na Finlândia [Tampere], e com isso fizemos o álbum "Invisible Nature". É um disco empolgante que retrata bem aquilo que conseguimos fazer ao vivo.

**Sete meses depois gravaram "Free and Equal", mas já não se pode considerar um disco em duo como os outros dois.** Claro que não. Encomendaram-me uma peça para o London Brass e pensei incluir o Jack, embora sem um baixo. Escrevi-a tendo o Jack em mente (não há muitos bateristas que consigam tocar as introduções em piano), mas é uma composição minha na qual ele toca, não é o mesmo que os outros discos.

**No concerto que referiu no Ronnie Scott's tocaram algumas peças que aparecem em "Invisible Nature", como "Mysterium" ou "Song for World Forgiveness". Pode-se dizer que têm um conjunto de músicas que servem de base aos concertos?** Há ambientes, peças, materiais que usamos que podem aparecer num concerto, mas de forma sempre muito diferente. Para nós podem ser essas músicas, mas a audiência pode nem as reconhecer. Faz parte do processo de improvisação.

**Por exemplo, num concerto como o de Lisboa, quanta música será planeada?** Neste momento, não faço ideia. Normalmente, temos uma conversa antes para planejar minimamente a performance. É natural que algum desse material surja, mas honestamente não sei dizer o que vamos tocar. Muitas vezes depende do sítio, de como sentimos o som. Por vezes 'esticamo-nos' à procura de coisas novas. A percentagem de música improvisada e semipreparada muda de concerto para concerto. E nenhum de nós sabe o que vai acontecer. Veremos onde a inspiração nos leva.

**Pode-se definir a vossa música como dialogante?** Sim, acho que é uma descrição muito boa. É exatamente isso. É um diálogo entre os dois. Temos um assunto e vamos discutindo-o através da música.

**Li entrevistas onde se queixava das dificuldades de viajar de avião com os vários instrumentos. Quais trará a Lisboa?** O barítono e o soprano e o wind controller [Yamaha WX11].

**Como é que foi desenvolvendo o processo de integração da eletrónica na sua música?** Tem a ver com cor e textura. Os sintetizadores oferecem uma enorme variedade de sons e contextos para se improvisar. Consigo fisicamente dar um concerto com o soprano ou o barítono durante uma hora, mas para mim não tem interesse, porque sempre me fascinei com o som de diversos instrumentos. Por isso é que ao longo dos anos toquei tantos [principalmente clarinetes alto, baixo e contrabaixo]. Cada instrumento é uma voz diferente, uma personagem diferente, como numa peça de teatro. O sintetizador tem capacidades muito vastas. Quando apareceu, nos anos 70, quis imediatamente experimentar. Os primeiros eram ridiculamente caros, mas logo que ficaram mais baratos, dentro das possibilidades financeiras de um músico profissional, passei a usá-los como qualquer outro instrumento musical. Isso é uma coisa que partilho com o Jack. Ele sempre gostou de usar teclados ou percussão eletrónica.

**Em que é que está a trabalhar?** Neste momento estou a escrever uma peça para um projeto que será interpretado em Itália com o Dino Saluzzi. Estou também a compor uma peça de 45 minutos para a Polónia, para o Chris Laurence, o John Marshall e uma orquestra de cordas. Tenho tido trabalho com o Howard Moody em órgão. O álbum chama-se "Rain on the Window". Gustava de apresentar esse projeto em Portugal, pois vocês têm igrejas com órgãos fantásticos. A banda com o Chris e o Trans4mation String Group também está ativa e vamos tocar em Istanbul no fim de agosto. É muito, mas não o suficiente para me enlouquecer. **A**

JAZZ EM AGOSTO 2010

John Surman + Jack DeJohnette  
Fundação Calouste Gulbenkian, Anfiteatro  
ao Ar Livre, Lisboa, sexta-feira, 21h30  
www.musica.gulbenkian.pt/jazz